

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA AGROVILA SÃO PAULO DO AÇÚ: um olhar a partir da trajetória de vida de Benedito Antônio da Silva Barreirinha/AM

Jucinara Cabral da Silva¹
João Marinho da Rocha²

Resumo: Esta pesquisa analisa a trajetória de vida de Benedito Antônio da Silva, fazendo o uso da memória de seus filhos, dentre outros entrevistados, para compreender a História da Agrovila São Paulo do Açú, Rio Andirá município de Barreirinha-AM. Para concretização desta pesquisa priorizamos o método da História Oral utilizando a memória como fonte principal, com isso aprimoramos as narrativas dos colaboradores para reconstruir a História e a identidade étnica da comunidade, passando pelas práticas econômicas e socioculturais buscando entender os processos iniciais de sua formação. Comunidade, aliás, que nos últimos anos se integrou etnicamente às comunidades quilombolas do Município de Barreirinha.

Palavras-chave: História; Memória; Trajetória de vida; Agrovila São Paulo do Açú.

Abstract: This research analyzes a life trajectory of Benedito Antônio da Silva, making use of the memory of his children, among others interviewed, for the history of Agrovila São Paulo do Açú, Rio Andirá municipality of Barreirinha-AM. To accomplish this research, we prioritize the Oral History method, use memory as the main source, thus improving the narratives of the collaborators to reconstruct the history and ethnic identity of the community, passing through economic and sociocultural practices seeking to understand the initial processes of their formation. In addition, in recent years the Community has been integrated into the quilombola communities of the municipality of Barreirinha.

Key words: History; Memory; Life Trajectory; Agrovila São Paulo do Açú.

INTRODUÇÃO

Nossas pesquisas se aтем a trajetória de vida de Benedito Antônio da Silva, filho de Leonardo Antônio da Silva e Melentina Antônio dos Santos. Benedito faleceu aos 80 anos no mês de maio de 2016 na Agrovila São Paulo do Açú. Sua trajetória no nosso trabalho é reconstituída a partir da memória familiar com os filhos do mesmo e de outras pessoas que participaram do processo de construção da atual Agrovila São Paulo do Açú. Buscamos aqui trazer por meio de a memória contar todo processo de construção da mesma pelo trajeto realizado por Benedito, desde seus processos socioeconômicos às práticas culturais na cabeceira do Açú, além de abordar as questões genealógicas familiares por meio de pesquisas anexadas em arquivos do Grupo de Estudos Históricos do Amazonas (GEHA), que trata acerca das identidades étnico-raciais que gira em torno das Comunidades Quilombolas do Rio Andirá, de suas lutas

¹ Acadêmica do 7º período de Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins UEA/ CESP. naracabral.silva@gmail.com

² Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins, UEA/ CESP. Doutorando do Programa de Pós-Graduação “Sociedade e Cultura na Amazônia”. PPGSCA/UFAM. jmrocha.hist@hotmail.com.

por direitos territoriais, culturais e de reconhecimento como Remanescente de Quilombos.

A Agrovila São Paulo do Açú fica localizada no Igarapé-Açú, margem esquerda do Rio Andirá, do lado oposto das demais comunidades envolvidas no processo diferenciação étnico-racial encampado pela Federação das Organizações das Comunidades Quilombolas do município de Barreirinha, distante por via fluvial a 2 horas de barco motor H.P. 25, da sede do município de Barreirinha, maioria das 75 famílias que residem na agrovila são descendentes de Benedito.

Esta pesquisa surge a partir da necessidade que se tem de trabalhar com os processos históricos da construção da Agrovila, tende a contribuir para os fins acadêmicos, social, sendo que reconstruir o seu processo histórico por meio da trajetória de Benedito Antônio da Silva é apresentado o que é desconhecido da própria História da Agrovila São Paulo do Açú até os dias atuais. Como evidencia Neves (2008) a construção de uma localidade, por ser atividade humana, envolve: constituição de articulações sociais (interatividade e complementariedade); de identidade cultural (sentimento de pertencimento); de especificidade do político (representações, instituições); e de conexão entre diferentes escalas da organização social (família, classe e intercâmbios extras grupais).

Por meio da história oral (PORTELLI, 1997; VERENA, 2000; MEIHY, 2010) a reconstrução da trajetória de vida de Benedito Antônio da Silva, ocorre a partir de relatos de memórias de seus filhos que residem, atualmente, na própria Agrovila. Focamos no que os relatos indicam dentre outros, em elementos como: a trajetória de Benedito, desde os processos sócios históricos que os levaram para o Açú; a constituição das práticas de trabalho, sociabilidades, religiosidade no lugar Açú, os motivos que levam a família de Benedito a migrarem da comunidade Tucumanduba para cabeceira do Açú.

Para adentrar no tema da pesquisa nos perpassamos por varias áreas da História, suas abordagens dá ênfase ao trabalho, ligando-as a temas maiores no Rio Andirá que vem sendo trabalhado pelo grupo de estudos GEHA (Grupo de Estudos Históricos da Amazônia), onde estes se ligam e montam um quebra-cabeça de identidades que estão em reconstrução e que montam a história dessas inúmeras comunidades. Segundo Castro (1997, p. 86) “é a cultura compartilhada que determina a possibilidade de sociabilidade nos agrupamentos humanos e dá inteligibilidade aos comportamentos sociais”.

MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA: algumas possibilidades.

A História Social se apresenta para entender os fenômenos sociais que não estão ligados a abordagens maiores relacionadas ao tema trabalhado, onde não se fala de um isolamento, mas de como estes trabalhos estão ligados aos temas maiores dão ênfase a novas histórias. Por estas e outras questões surge a necessidade de trabalharmos com a História Social como suporte para validação da nossa pesquisa e para compreendê-las nesse contexto maior em que está inserida. De acordo com Fenelon:

Não há como negar, foi a partir das suas concepções e perspectivas (as da História Social) que os chamados ‘temas malditos’, ou seja, quase todos que tratam dos excluídos sociais, sejam pobres, vagabundos, prostitutas, negros, mulheres, índios, etc; encontram guarida nessa historiografia. Também hoje as investigações sobre grupos de jovens, suas práticas, a música popular, as festas comunitárias, a cultura popular enfim, constituem objetos legitimados pela História Social, e desenvolvidos com rigor metodológico, que os que trazem para o campo de discussão já instaurado sobre a cultura. (FENELON, p. 76,1993).

Neste contexto cabe a trajetória de vida do nosso objeto de pesquisa Benedito Antônio da Silva pela abordagem da História Social com outras que formalizam essa pesquisa, em torno de outras que encaminham esse cenário maior vivido no Rio Andirá situado no Município de Barreirinha. Onde até então começam a surgir novos trabalhos que englobam esses muitos sujeitos que protagonizam a história local nessa região e que constituem ligações uns com os outros, através de laços familiares, de costumes, cultura, crenças, nesse convívio que de início podem parecer diferentes, mas que tem tanto em comum. “A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (POLLAK, p. 201, 1992), os acontecimentos são o que encaminha as memórias ao coletivo, a algo que foi vivido em grupo ou que foi levado ao conhecimento do mesmo.

Falamos da contribuição da Escola dos Annales para a nova história que se encarregou de volta-se para um novo olhar sobre a historiografia que acaba mantendo se fechada em uma História Tradicional visando uma história de “grandes homens” não dando espaço ao chamamos de popular, das massas que são propagadores de suas próprias Histórias na sociedade desde princípio.

A revista e o movimento fundado por Bloch e Febver, na França, em 1929, tornaram-se a manifestação mais afetiva e duradoura contra uma historiografia factualista, centrada nas ideias e divisões de grandes homens, em batalhas e em estratégias diplomáticas. Contra ela, propunham uma história-problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e

métodos das demais ciências humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico; A interdisciplinaridade serviria, desde então, como base para a formulação de novos problemas, métodos e abordagens da pesquisa histórica, que estaria inscrita na vaguidão oportuna da palavra “social”, enfatizada por Febvre, em combates por lá história. (CASTRO, 1997, p.76-77).

A história social tornou-se nesta pesquisa amparo metodológico para falar de uma empiria popular, de povos tradicionais da Amazônia que passa por um processo de transição, na qual cabe nossa pesquisa através do percurso de Benedito Antônio da Silva, de uma identidade em reconstrução. Enfatizamos o papel da História Social para essas comunidades que se encontram distantes da História Tradicional que visam “grandes acontecimentos”.

Segundo Meihy (2010) entre outros, na era da globalização três alvos correlatos se portam como objetivos na mira de pensadores comprometidos com o papel do conhecimento na transformação social: identidade, comunidade e memória. Na qual embasaremos nas nossas pesquisas como elas estão interligadas pelos acontecimentos individuais e coletivos.

A memória em seus papéis de reconstruir, de relembrar, de trazer de volta lembranças guardadas para ser instrumento no contar história, no “fazer história”. Uma história de quem? Para quê? Por quê? Sim, a história de comunidades, de um povo vivendo o processo de reconstrução étnico-racial, como a Agrovila São Paulo do Açú, como a trajetória de Benedito Antônio da Silva em contexto com as comunidades Remanescente de Quilombola do Rio Andirá.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um ele vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Por que é afetiva e magia, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telecópias, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. (NORA, 1993, p. 9).

Para cada acontecimento que o sujeito passa ao longo da vida, até os dias atuais, guarda-se uma lembrança marcante, desde a infância tudo que foi vivido é trazido pela memória ao ser instigada. Trabalhamos com essas memórias que mantêm a ligação da

Agrovila São Paulo do Açú com uma luta maior étnico racial no rio Andirá, a luta das Comunidades Remanescente de Quilombo.

A trajetória de Benedito Antônio da Silva, nosso objeto de pesquisa, é quem leva a Agrovila São Paulo do Açú a entrar nesse contexto. São as memórias dos filhos de Benedito e outras pessoas as bases da pesquisa. Neste contexto atemos ao papel relevante que tem os trabalhos com a História Oral de vida, Meihy (2002, p. 131) diz que a experiência deve, desde logo, ser o alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial. A trajetória de Benedito partiu do ambiente familiar, onde se nota importância de passar essa memória para outras gerações.

De acordo com Delgado (2003) tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma tensa busca de apropriação e reconstrução da memória pela história. A relação tencionada acontece, por exemplo, quando se recompõem lembranças, ou se realizam pesquisas guerras, vidas cotidianas, movimentos étnicos, atividades culturais, conflitos ideológicos, embates políticos e lutas pelo poder.

Desde infância, Benedito constrói uma trajetória que é trazida nas entrevistas pelos seus filhos, onde todo lugar carrega um sentido das transformações que ele – como sujeito protagonista de uma memória – entrelaça a construção da Agrovila São Paulo do Açú, como também faz parte de um conjunto de memórias que relembra as raízes da mesma, que as leva a todos aqueles lugares percorridos, lugares de trabalho, de pesca de coleta de castanha, lugares esses que Pierre Nora chama de “lugares de memória” que se tornam lugares de História.

O tempo dos lugares é esse momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstruída. (...) Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada a incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para de forma-los, transforma-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. (NORA 1993, p.12-13).

As memórias, tanto individual ou coletiva, interagem umas com as outras em suas produções, onde o individual torna-se coletivo e vice-versa, e estas fazem parte de um

conjunto de conhecimento a ser extraído pronto a resgatar algo que não se encontra perdido, mas está ali esquecida por não haver uma questão que a instigue a ser lembrado no presente. Tudo que está nela não se constrói como exato, os determinados acontecimentos apenas o qualificam importante para o sujeito e situação que se encontra notoriamente pela perspectiva do que foi construído em torno da mesma.

Se existe uma construção, uma luta vencida, por exemplo, nossa pesquisa abrange a necessidade que Benedito teve de mudar de seu lugar de origem para a região do Açú onde fica situado a Agrovila São Paulo do Açú. Todo esse percurso dele, todos os lugares tornam-se fatores relevantes para que haja uma explicação para tudo que existe hoje, para tudo que foi alcançado com méritos de todo um grupo de pessoas que estão envolvidas. O que “é básico nos estudos de história oral de família a definição do projeto germinal familiar que estrutura a proposta de vida continuada do grupo” (MEIHY, 2002, p. 140). Conforme Pollak destaca em:

Assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem para constituir, a memória individual resulta da questão de um equilíbrio precário, de um número de contradições e de tensões. (...). Na ausência de toda possibilidade de se fazer compreender, o silêncio sobre si próprio diferente do esquecimento pode mesmo ser uma condição necessária (presumida ou oral) para a manutenção da comunicação com o meio ambiente. (...) o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida. (POLLAK 1989, p. 14).

A memória em si vem acompanhada de recordações que passam a ser reproduzidas pela História Oral através das entrevistas coletadas. Tudo que foi guardado desde a infância acabam por se tornar instrumento de validação de uma história vivida pelos sujeitos que nem sempre tem conhecimento do papel importante que estas memórias carregam consigo para sua própria vida, o que Meihy (2010) chama de “novas fontes” reproduzidas pela História Oral.

A memória é apresentada pelo sujeito, nesta pesquisa pelos filhos de Benedito Antônio da Silva e também dos outros comunitários da Agrovila São Paulo do Açú, assim a História oral como metodologia nos dá acesso às estas memórias que nos levam às identidades étnico-raciais no igarapé Açú, tornando possível contar a história local pelos que vivenciaram a mesma.

O fazer documental ou empírico, sob a perspectiva da história oral, tornou-se menos condição de suporte e mais parte integrante da missão intelectual. A aceitação de tal suporte exige reversão do princípio da narrativa que se originaria na perspectiva da “linha do tempo”, do pretérito para o agora ou

presente, condição organizadora do saber histórico, ao contrário, pensado o presente como produto de processos ainda em curso é dele que se parte para a observação de acontecimentos, situações, fatos que se explicam sob o índice do que chama "realidade". Decorrência notável dessa aceitação, o sujeito da trama passa a ser, inevitavelmente o narrador e, então, não há como fugir dos compromissos do nosso tempo. Sob essa perspectiva, a História é sempre inacabada e, na infinidade dos processos, sua reversão passa a ser motivo da história oral. Exemplo disso: a emigração não se acaba com a chegada a destino; pelo contrário questões afeitas à construção de identidades e de novas comunidades se apresentam como desafios. (MEIHY 2010, p. 181).

A partir das práticas da História Oral temos acesso a essas informações para então, entender as conexões e relações dessa ligação familiar com Santa Tereza e as outras comunidades classificadas como Remanescente de Quilombo. A partir desse ponto de partida, enfatizamos a relevância da História Oral, o papel que ela ocupa na historiografia que temos como herança da Escola dos Annales, os quais propõem uma Nova História, a que denomina de história vista de baixo, sob as perspectivas de mulheres, negros, homossexuais, sujeitos marginalizados (POLLAK, 1989).

Por meio da história oral encaminhamos a pesquisa, fomos a campo, onde realizamos entrevistas nos meses de julho, dezembro de 2016 e janeiro de 2017. Nesse procedimento, pudemos experimentar as trajetórias de vidas e relações sociais ali estabelecidas, por sujeitos por vezes classificados como de "poucas letras". Isto ganha relevo para os estudos de comunidades amazônicas, na medida em que outras fontes entram nos cenários de pesquisa e iluminam outros processos históricos. Neste caso, as fontes orais nos permitem obter informações sobre povos não alfabetizados, grupos sociais, sem registros documentais de sua história ou até mesmo essa foi escrita sob outro olhar totalmente distorcida (PORTELLI, 1997).

Do pressuposto, partimos para a História Oral, assim, conhecemos mais sobre o personagem Benedito, quando nas entrevistas seus filhos contam de onde vinham as formas de sobrevivências/sustento da família, a origem da esposa dele, seus pais, buscando sempre respostas pra lacunas abertas que necessitam ser respondido ao final da pesquisa, que engloba todo um contexto girando em torno da própria vida desses sujeitos, o que eles podem fornecer sobre si mesmo, o que conhecem de sua origem e para onde isto os levaria. Pollak (1989) elabora que as diversas abordagens e dimensões da história se cruzam, mesmo que estas entrevistas sejam individuais, elas expõem uma memória no coletivo. Quando eles retratam, nesse caso, da origem de Benedito Antônio da Silva, trazem à tona a história da Agrovila São Paulo do Açú.

As memórias dos filhos de Benedito Antônio da Silva repassadas pelo próprio, por meio do convívio, são as fontes primárias da pesquisa ora tratada, de onde se tiram

as respostas para nosso problema, pois é na memória que se guardam respostas do desconhecido sobre nosso passado. Por isso, há a necessidade de construir um solo seguro em fontes que validem essa oralidade que nos é passada por meio das entrevistas, fontes essas que estão na história social, história cultural, história econômicas, história local, história regional. Juntas no contexto que é a trajetória de vida de umas únicas pessoas, mas que possuem ligações com outras e leva ao reconhecimento de como o Quilombola do Andirá foi se constituindo.

Através da memória estudada podemos analisar a trajetória de Benedito, partindo do lugar onde nasceu, por onde passou, onde pescava, onde caçava, onde eram feitos os cultivos da terra, onde coletava a castanha, se analisa através desses elementos o que o levou a fazer esse percurso, o qual vai de um lugar com escassez de alimentos para outro com fartura.

Como a trajetória de Benedito está vinculada à reconstrução da história e memória da Agrovila São Paulo do Açú? Quem é ele, como sujeito dentro dessa Agrovila, sendo o patriarca da família Silva, que tem maior quantidade de familiares na localidade? O que a organização espacial da comunidade informa sobre as relações sociais, política, religiosas, práticas festivas e de lazer, estabelecidas no Açú?

A análise das origens familiares foi que levou ao conhecimento de que a Agrovila também tem conexões com os mitos de origem quilombola. Esta parte da vida de Benedito, talvez seja a menos conhecida até então. Iniciam os processos de luz sobre o passado quando atentamos para o fato de que os filhos mais velhos de Benedito Antônio da Silva se casaram com filhas de Santa Tereza do Matupiri, que era conhecida por eles como “pretos do matupiri”.

A partir das entrevistas podemos notar que toda a trajetória de Benedito Antônio da Silva, quando analisada em profundidade, juntamente com outras entrevistas, está reconstruindo, pela memória oral, a história e a identidade do Rio Andirá, das comunidades construídas ali. Fica nítida a necessidade de passarmos por toda trajetória vivida e percorrida por ele, pelos seus pais e seus filhos, que passam para os netos e bisnetos que esta mesma trajetória é longa.

Todo contexto dela nos leva ao reconhecimento da identidade de um lugar, de um grupo social que se via separado de outro e se redescobre tão pertencente entre si. E que esta trajetória de vida se junta a outras e formam um grande quebra-cabeça acerca da presença negra no Leste do Amazonas, se montando através das ligações que possui entre elas, tornando complementares e apontando possibilidades variadas.

Falamos de memória, de identidade, de reconstrução através da História Oral, pois através dela a trajetória de um homem que se tinha apenas como o patriarca de uma família pode-se entender essa questão étnico-racial no Rio Andirá, juntamente com outras trajetórias de homens e mulheres protagonistas. Nisso, analisar como a agrovila de São Paulo do Açú, entrou nesse complexo de comunidades Reconhecidas como Quilombolas, ganha relevo no processo de compreensão de como ocorre nos últimos anos à diferenciação étnico-racial na Amazônia.

DAS LUTAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS POR DIFERENCIAÇÃO ÉTNICO-RACIAL.

O Rio Andirá apresenta um contexto cultural diversificado. Se houve no Brasil, com grande intensidade, imigrações, a Amazônia logo foi afetada pelo aglomerado de culturas resultantes desses movimentos. Quando olhamos para o Baixo Amazonas, especialmente o Rio Andirá, percebemos a necessidade de falar de identidades “que pertencem a sujeitos de origens diversas, com ideias opostas, com pensamentos e ações, etnias, culturais, nacionais, religiosas, de gênero e ideológicas que se distanciam” (DELGADO, 2010, p. 46).

Essa percepção da Amazônia como uma região marcadamente de cultura indígena fez com que a escravidão e a cultura africana fossem colocadas num segundo plano, constituindo um vazio na historiografia regional, o que fica mais evidente ao se buscarem estudos sobre as comunidades negras, quilombolas ou não, que se constituíram ao longo da história amazônica. (FUNES 1995, p.16).

Rios e Mattos (2004) ensinam que o processo de pós-abolição no Brasil foi bem mais apresentado por estudos no ponto de vista político e econômico e não pelo social e cultural. Então, surge como uma resposta a uma história contada por “estrangeiros” de passagem apressados pela região. Trabalhos como este, que visam colocar essas comunidades, esses sujeitos pertencentes ao Rio Andirá como protagonistas de suas próprias Histórias, para além dos mundos da escravidão, transfiguram-se e reatualizam-se pelos processos socioculturais que resistiram à invisibilidade e que hoje buscam ligações culturais que se perderam ao longo dos processos históricos violentos e ficaram nos lugares de trânsitos desses sujeitos. “isto reforça a compreensão adotada e demonstra que a noção sobre o espaço supera a percepção do meu, convergindo-se para o entendimento do que vem a ser nosso” introduzindo o sentimento de pertencimento. (RANCIARO, 2016.p 45).

No contexto social que cabe aqui falamos das lutas travadas pelas comunidades atualmente reconhecidas como Remanescente de Quilombo no Rio Andirá iniciadas pelo Distrito de Santa Tereza do Matupiri. Logo se anexam à luta comunidades como Boa Fé, São Pedro, Itucuara, e Trindade, e em 2015, São Paulo do Açú, como anexa ao Itucuara. Busca-se pôr, como um dos pontos principais, a compreensão de como essas comunidades/grupos no Rio Andirá se identificavam atualmente etnicamente através de festas populares, o trabalho, práticas socioculturais que apresentam significados que os levam a suas ancestralidades e a definição territorial de suas áreas de trabalho. “Nessa concepção das situações sociais dos povos e comunidades tradicionais que está à beleza dessas novas lutas sociais na Amazônia que sempre se apropriam e articulam-se, a seu modo, das questões que a ela se apresentam” (ROCHA, 2016, p. 13).

Um olhar mais atendo para o conjunto entrevistas coletadas possibilita reconstituir os percursos de Benedito e seus familiares pelo rio Andirá até sua instalação no igarapé Açú, hoje Agrovila de São Paulo do Açú, anexado como um núcleo da comunidade quilombola de Itucuara.

[...] minha avó era daí do lago grande [...] Minha avó, ela morava um tempo no lago grande outro tempo no Tapecuru que chamam, que ela, ela falou que ela nasceu no Tapecuru e se mudou pro lago grande [...] o meu avô ela falava que é [...] Eu não tenho muita coisa do meu avô aonde que ele nasceu porque ele falava que quando ele veio que ele veio com a avó dele, que ele, ele era filho da Gavita e ai essa avó dele deu, era mais cria da avó né! [...] Ela morou também, ela morava no, não tem aqui o Pucú que falu? O Pucú aqui de Barreirinha, pois é eles morava ai ³.

Rocha e Freitas (2017), pensando assim na reconstrução de identidade como objeto para contar a própria História nas suas versões, já que até algum tempo não havia muitas referências sobre isso, e com a Metodologia da História Oral passou a ser focado nessas temáticas onde “se alinha à vontade do sujeito que é quem contém esses conhecimentos que serão registrados por meios dos relatos com versões diferentes, de personagens distintos, que também construirão uma história” (DELGADO, 2010, p. 46).

Sobre isso, Meihy (2010) afirma:

O fazer documental ou empírico, sob a perspectiva da história oral, tornou-se menos condição de suporte e mais parte integrante da missão intelectual. A aceitação de tal suporta exige reversão do princípio da narrativa que se originaria na perspectiva da “linha do tempo”, do pretérito para o agora ou presente, condição organizadora do saber histórico, ao contrário, pensado o presente como produto de processos ainda em curso é dele que se parte para a observação de acontecimentos, situações, fatos que se explicam sob o índice

³ Raimunda da Silva Brito, Ceramista e Agricultora, 53 anos. Entrevista realizada em 2016. Agrovila São Paulo do Açú.

do que chama “realidade”. Decorrencia notável dessa aceitação, o sujeito da trama passa a ser, inevitavelmente o narrador e, então, não há como fugir dos compromissos do nosso tempo. Sob essa perspectiva, a História é sempre inacabada e, na infinidade dos processos, sua reversão passa a ser motivo da história oral. Exemplo disso: a emigração não se acaba com a chegada a destino; pelo contrário questões afeitas à construção de identidades e de novas comunidades se apresentam como desafios. (MEIHY 2010, p. 181).

Ao longo do tempo podemos falar de como a cultura de um povo constitui a identidade de um determinado como lugar essas resistências e lutas refletem no cotidiano e passam através da memória de geração em geração para que não se esqueçam de quem foram seus antepassados e quem são eles hoje, que papéis ocupam nesses “novos” momentos vividos pelas “antigas” comunidades ribeirinhas do Rio Andirá.

Aspectos como esses e outros tornam necessária a compreensão de um processo histórico que passa pela resistência escrava, pela constituição dos quilombos e sua não destruição, mas concretização nas atuais comunidades negras. Temática muito pouco visitada pelos historiadores, sendo necessário: desembaraçar o emaranhado de fios que formam a malha textual, recuperando, mesmo em documentos oficiais, falas significativas de mocambeiros; encontrar nos depoimentos elementos que deem conta de um passado dos mocambos e, num tempo mais recente, da consolidação das comunidades; e compreender a construção de uma identidade étnica e cultural, bem como a constituição de uma territorialidade- elementos significativos na definição de um espaço enquanto terra de negros. (FUNES, 1995, p. 3).

Neste contexto, ao pesquisar as relações étnico-raciais na Agrovila São Paulo do Açú notamos sua profunda ligação com outras comunidades denominadas Remanescente de Quilombo, através do nosso objeto de pesquisa Benedito Antônio da Silva e de suas memórias repassadas pelos filhos em entrevista para nós podemos notar como estas comunidades tornam se suporte umas para outras, “são os aspectos simbólicos da memória familiares da escravidão que mais se destacam nas narrativas, elaboradas e reelaborados em função de relações tecidas no tempo presente, como em todo trabalho de produção da memória coletiva” (MATOS, 2006, p.109).

Comunidades que antes não se viam como negras e, tampouco, como descendentes de Quilombo, não se sentiam pertencentes até o momento em que suas genealogias os levam a, de fato, se verem como descendentes e, assim, a trazer de volta costumes culturais para que assim se vejam e resinifiquem sua identidade. Dizemos isso por que durante as emergências, as comunidades quilombolas do Andirá, aos poucos, passaram a ressemantizar práticas socioculturais e atribuir novos e variados sentidos e significados a ancestralidade requerida (ROCHA, 2016).

Nessa direção, vale a pena dialogar com Gláucio Paixão da Silva, que informa:

[...] dizer que às vezes você não é valorizado pelo valor que você tem, também reconhecido pelo valor que você tem né e isso aqui surgiu, por exemplo, da, eu não sei quem conversou com a dona Cremilda né que trabalha na saúde em Barreirinha, que foi ela que trouxe esse plano pra cá de ver esse direito que o Quilombola tem né, foi ela que, eu ainda não conversei com ela pra, agora o que eu digo assim, o que eu acho é [...] Desses valores, por exemplo, que há [...] E além do valor é um direito que o Quilombola teve no Brasil né, isso ai é uma lei que existe no Congresso Nacional e tem recurso pra isso, agora eu acho, eu tenho pra mim que esse valor que não foi valorizado antes, hoje meu pai já faleceu né, se ainda vier a acontecer pra família dele, pra ele, pra nós filhos dele que ainda tão vivo que venha beneficiar pra trazer alguma coisa de bem pra família, pra ele daqui mais tarde seria uma gloria né porque vamos dizer assim, o fruto que veio dele né, podemos até dizer meu pai já morreu, mas se hoje eu tô sendo beneficiado, bem feito⁴.

Benedito antes de falecer fez o religamento da Agrovila São Paulo do Açú ao Matupiri (núcleo das Comunidades Remanescente de Quilombola) proporcionando essa reconstrução de identidade para esses sujeitos que até àquele momento desconheciam sua origem étnica. Ele passa, assim, a ter um papel importante e a ocupar um lugar significativo para a própria história passada e futura da Agrovila e para o Andirá.

Esses marcos constantes nas memórias da família Silva, são ponto que iluminam para a direção das formas de enfrentamentos em torno da posse da terra. Se no início a terra foi também um dos motivos que ocasionou a migração de Benedito, hoje essa mesma terra é quem leva muitos a entrarem no movimento quilombola e através desses garantirem a posse de seus territórios de onde coletam castanhas, extraem palha, pescam, caçam, plantam suas roças, bananas, que as utilizam há muito tempo, mas, nem por isso, possuem o título definitivo que os legitimem como proprietários das terras em que sobrevivem.

Identificadas (...) as categorias analíticas de etnicidade, poder e territorialidade- articuladas aquelas de instrumentalidade jurídica da política de identidade, isto é, a auto definição, o reconhecimento e a titulação fundiária permitiram aprofundar, identificar e compreender os impactos políticos da luta do movimento representativo dos quilombolas do Rio Andirá, que se volta para a afirmação de uma identidade coletiva objetivada em suas pautas de reivindicações por direitos étnicos. (RANCIARO, 2016, p. 21).

Ocorre o fenômeno da “reconceituação de território”. Visualizamos isto, através das transformações sociais na primeira década do século XXI, classificando os lugares pelas ancestralidades fazendo com que estes façam um retorno ao passado, onde fatores

⁴ Gláucio Paixão da Silva, agricultor 56 anos. Filho de Benedito Antônio da Silva, Atual Presidente da Associação dos moradores do Distrito de Santa Tereza do Matupiri 2016.

econômicos e ambientais fazem parte dessa constituição desse reconhecimento como donos de terminadas áreas de terras (ALMEIDA, 2012).

Não, isso vieram de lá aqui com agente. Primeiramente foi a Cremilda né. Conheceu ela né? Ela é minha prima também ela é. Ela a veio né conversou... Ela veio com o pessoal aqui na nossa comunidade mesmo. (...) Rapaz teve uma reunião lá... Muito também sobre esse negocio de Quilombolas... Que nós estava lá no meio desse, como que é?... É por causa que nós já fomos criados ai né. No Matupiri, então nós já fazia parte do, deles também né, porque nós temos meus pais, meu pai era filho dai né, dos Quilombolazadas tudinho, quer dizer que os filhos já ficaram substituindo né... Ai fizeram documento, fizeram negócio do, de entrevista também pra ver como que ficava nossa... Assim né pra ir pra lá né, mas só que nós temos terreno lá no Matupiri eles queriam que agente voltasse pra lá onde nós morava, mas eu não sei se agente ainda vai volta ou não. (...) Esse vamos supor assim né eu procuro participação assim de reunião que tu diz né? Agente participou lá de umas cinco ou seis reuniões participamos lá. Foi entre da Cremilda e da Lurdes também Foi. (...) Daqui foi só eu, a compadre... A mãe dela. (apontou pra Jucinara) E quem mais foi? Quem então? É a minha filha também a Elane... (...) Foi tive muito. Comunidade, cada um comunitário ele fazia um mapa da sua área né vamos supor e nós fizemos o nosso daqui e os do São Pedro fizeram de lá, do Itucara fizeram de lá, ali do... Trindades também fizeram de lá também, Chapeleiro fizeram esse mapa, foi bem bacana, bonito mesmo... E ai foi que nós também fizemos nossas entrevistas assim como nós né como estou dando aqui né, sobre o negócio do meu trabalho como que foi.

5

Na trajetória percorrida por Benedito Antônio da Silva encontramos laços que haviam sido esquecidos juntamente com a própria ancestralidade deixada nos lugares em que ele passou. Essas memórias reconstruídas pela genealogia familiar, juntamente com a Federação de Quilombolas do Andirá, refazem as ligações com suas raízes afogadas no caudaloso Rio Andirá, hoje em processo de reconstrução, pelas memórias de sujeitos como Benedito, que se fazem atuantes nesses processos de reconhecimento e autoafirmação, o tornando uma das fontes de grande relevância para compreender o que podemos chama de novo cenário em que a Agrovila São Paulo do Açú adentra a partir do ano de 2015.

DO PUCU AO AÇÚ: trajetos de memória, rastros da História do protagonismo negro no Andirá, o caso de Benedito.

As análises dos conjuntos das memórias construídas por seus familiares e o grupo ligadas ao movimento quilombola levantadas nesta pesquisa, acerca de Benedito, dão conta de que sua trajetória familiar se liga ao final do século XIX e início do XX, dialogando, portanto, com as memórias construídas e sistematizadas pelo movimento

⁵ Luiz Maria Dias Conceição, agricultor 62 anos. Entrevista realizada em julho de 2016 na Agrovila São Paulo do Açú.

quilombola no Andirá por ocasião de sua luta por reconhecimento étnico-racial e apresenta as questões acerca da construção da Agrovila São Paulo do Açú.

A exemplo de uma teia, a memória vai sendo tecida e se projeta como elemento da atualidade e a constrói dinamicamente como perspectiva de um futuro de tradições inventadas por força da capacidade criativa dos agentes sociais. Do que se tornou invariável, 'compatível ou idêntico ao precedente' trata-se, ao contrário, de construções advindas da memória coletiva que tem como referência a presença do ex-escravo, fundador do território. Para além de projetar uma adaptação de tradições passadas, a memória engendra processos construídos pelos quais aos quilombolas criam e recriam suas condições de vida real. (RANCIARO, 2016, p. 53).

Ao percorrer o caminho, notamos que todas as mudanças feitas por Benedito Antônio da Silva resultaram nesse contexto de uma agrovila (São Paulo do Açú), formada em torno da família dele. Desde então, vamos enfatizar a presença de acontecimentos do cotidiano para englobar essa história em um contexto maior socialmente, dos ocorridos a partir de o momento que o pai de Benedito (Leonardo) foge com a mãe (Melanina) do furo do Pacu⁶ para o Tucumanduba (localidade situada na outra margem do Rio Andirá). A fuga foi motivada pelos pais dela, já estes que não aceitavam que Melentina se casasse com um “preto”, porque era branca.

Inclusive ele contava que, ele cuntava pra nós que quando ele ficou com ela não queria, ai ela fugiu com ele. Porque ele era negro. E ela era bem clara. E a família dela não aceitava deles viver junta, a mãe dela e aí eles fugiram. Ele pegou, ele disse, ele fugiu com ela pro, pro, daqui do 'pru' Tucumanduba, atravessou, ai que foi pra ele se colocar no Tucumanduba e não saíram mais de lá depois... Não, eles venderam tudo que tinha lá e nunca mais voltaram pra lá... de lá que ele formou a família que teve o papai, a velha, só teve dois filhos, o papai e a tia Maria, a tia Maria finada da tia, morreu com 10 anos. Aí ficou só o papai. - O papai nasceu no Tucumanduba também, O papai falava que quando ele era criança, era que ele nasceu, nasceu ele, depois veio à irmã que era, hum... À Maria aí ela faleceu com 10 anos, ficou só já ele, ai como eh, ficou só já eles, adotaram essa Antônia Madalena.⁷

Nisso, os pais de Benedito fugiram para Tucumanduba formaram família, tiveram dois filhos, uma menina e um menino. Logo depois adotaram duas meninas. A filha legítima faleceu aos dez anos e, portanto, somente ficaram Benedito, Madalena e a Antônia Madalena, que foram adotadas. Estas últimas, ainda novas, foram morar em Manaus e ficou só ele com os pais. Quando atingiu idade para trabalhar Benedito foi com um senhor desse lugar e aprendeu a ler e a escrever, trabalhou no Paraná do Ramos, depois de algum tempo, voltou ao Tucumanduba, onde seus pais haviam se estabelecido.

⁶ Ligação natural que corta a cidade de Barreirinha e conecta o Paraná do Ramos e o Rio Andirá.

⁷ Raimunda da Silva Brito, Ceramista e Agricultora, 53 anos. Entrevista realizada em 2016. Agrovila São Paulo do Açú.

Casou-se com a Raimunda Gondino Paixão, que era da área indígena Sateré Maué. No entanto, seus pais já haviam descido o Andirá e moravam na entrada da atual Agrovila, chamada época de “Boca do Açú”, onde Raimunda herdara as terras, juntamente com seus irmãos. Pela necessidade de ajudar os pais no sustento e já com esposa, Benedito passou a ir para região do Açú coletar, caçar, pescar nas cabeceiras, saía na segunda feira voltava no sábado. Por que ele, constantemente, ia para o Açú? Por conta de que no Tucumanduba havia muita escassez dos recursos naturais e, portanto, de subsistência da família.

“Depois que ele ficou rapaz saiu pra trabalhar também, assim né, foi pra trabalha aí pra juta também com o um senhor que chamavam de Otácio né [...] Aí foi embora trabalhar já estava vivendo com a mamãe e [...] Pra lá ele trabalhou um tempão com esse Senhor, né?”⁸

Depois que voltou passou uma temporada no Tucumanduba, e decidem então ir morar na cabeceira do Açú no terreno da esposa (Raimunda) situado na boca do Açú, onde fizeram sua primeira casa levando junto com eles seus velhos pais (Leonardo e Melentina). Os lugares em que Benedito e sua família percorreram aparecem nas suas trajetórias, como “lugares de memória”, e esses motivos que os levaram a migrar de uma cabeceira pra outra se atem aos fatores econômicos e conflitos agrários dados a chegada de pecuaristas nos anos 1970 no Tucumanduba e, principalmente, pelas condições de trabalho, onde o lugar não oferece recursos naturais suficientes para o sustento da família.

Essa mudança, ela devido à venda né, que nossos vizinhos fizeram lá dos seus terrenos, do, na época para o senhor Corelano Lindoso que era prefeito de Barreirinha. E construiu campo né, campo pra gado e como nosso terreno ficou rodeado assim já pelo campo né então agente conversou com o papai e agente achou por bem vender e se mudar definitivamente pra cá porque é... Era era a mamãe já tinha um terreno doado pelos pais dela aí, aí na Boca do Açú, aí se resolveu se mudar de uma vez né para esse lugar que era Santa Maria. Os pais eram... Meus avós né eram, o nome dele era... Que era dono do terreno que deram pra ela era Pedro Paixão e a minha avó era Maria né e esse Pedro Paixão pai da mamãe era cearense, então ele veio pra cá pro Andirá e aí pra cá ele se encontrou com ela né, casou e constituiu a família, a mamãe era... A minha avó era daqui do Andirá mesmo né, daqui desse município daqui de Barreirinha.⁹

A partir desse acontecimento das vendas dos terrenos vizinhos ao de Benedito e sua família vendem o terreno situado na comunidade de Tucumanduba para ir morar na cabeceira do Açú ou Igarapé Açú denominado, ali passam a morar na boca do Açú, o

⁸ Vicente Paixão da Silva, professor 53 anos, filho de Benedito Antônio da Silva. Entrevista realizada na Agrovila São Paulo do Açú. Julho de 2016.

⁹ Vicente Paixão da Silva, professor 53 anos, filho de Benedito Antônio da Silva. Entrevista realizada na Agrovila São Paulo do Açú junho de 2016

que Funes (1995) define como “lugares significativos”, nome este dado para o terreno herdado pela esposa de Benedito, Raimunda.

De início, encontraram poucas famílias morando na região, onde das poucas que havia também parte delas tinham vindas do Tucumanduba também. Assim Benedito inicia uma nova fase da sua vida, o lugar lhes proporcionava fartura em alimentos, favorecia o plantio da mandioca, do guaraná, do café, da malva, além de fornecer os materiais extrativos que mantinha o sustento da família. Notavelmente há as migrações dentro dessas cabeceiras no Rio Andirá, que resulta na formação de comunidades, sendo motivada pelo deslocamento das famílias para esses lugares com proporção maior de recursos naturais que desde início tem sido à base de sustento para as famílias do Igarapé Açú e de outras comunidades próximas.

AÇÚ: Memórias que iluminam processos e práticas socioeconômicas e culturais.

Na Agrovila São Paulo do Açú, antes mesmo de sua formação como tal, já havia famílias muitas morando na localidade. Estas pessoas se mantinham de suas economias pautadas na extração de recursos naturais pelo sistema de aviação e também pela agricultura familiar, como a coleta de castanha, extração de palha, coleta de cumaru, a plantação de roça, de banana, do guaraná, cana-de-açúcar, da malva e sem contar da pescaria, caça, coleta de frutas silvestres como o uixí, tucumã, açaí, bacaba que também ajudavam/ajudam no sustento das famílias.

Consta nos arquivos de memória sistematizados por nós, que havia um gerente que dividia a coleta da castanha por estradas, cada família ficava responsável pela coleta em uma determinada estrada e ele era quem organizava. Não é possível apontar uma base econômica, mas “múltiplas estruturas socioeconômicas”, em constantes conexões como os fatores “geográficos, demográficos e culturais” (GOMES, 2015, p. 3).

Da época deles só trabalhavam mesmo na roça né, [...] a pôr roça, que eles sempre diziam que tinha que sempre eles diziam que tinham, eles trabalhavam muito a pôr roça e a banana esse era o trabalho. É eles falavam também é [...] a castanha que nós ainda concluindo aqui nessa ponta e fazia malva, a gente ainda ajudava bem ele naquela época, ainda cortar né, trabalhou bem na malva. Primeiro, ele fazia o roçado, depois ele plantava, naquele tempo ainda plantavam nas máquinas que tinha, ele mesmo plantava, aí quando chegava à época de corte né, cortava e aí mesmo ele fazia as jangadas que se dizem que faziam naquele tempo [...] aí de lá a gente ia lavar, quando os que estavam maiores, maior já ajudavam no negócio da lavagem. É, por exemplo, ela, fazia no começo, assim, por exemplo, o roçado no mês de outubro, novembro, aí quando era assim pro lado da cheia, já tava

cheio, assim pro lado de maio, já dava de plantar [...] Era só a juta mesmo e a farinha. Na castanha também, a castanha também¹⁰

De cabeceira do Açú o lugar passa a ser comunidade do São Paulo do Açú. Através dos acontecimentos que ocasionam a migração de Benedito e sua família para uma região bem mais farta de recursos naturais, ocorrem os movimentos migratórios. As incidências são mais perceptíveis no Rio Andirá e estão ligados à necessidade de buscar o sustento familiar. Manifestam-se com maior intensidade e frequência através do fluxo de moradores das comunidades Remanescente de quilombola do Rio Andirá, que mantém sua economia, até os dias atuais, com base na coleta de frutas silvestres ou, a utilizam para dar suporte a outras práticas, como a agricultura e a pecuária de subsistência, por exemplo.

Ele contava que ele veio de lá porque, porque lá as coisas eram mais difícil né pra ele manter a família ele tinha que vim de lá pra cá pra cabeceira do Açú pescar ou, caçar [...] Tudo ele mantia a família lá, era tudo que ele conseguia aqui, aí depois com o tempo a minha mãe tinha um terreno aí na Boca do Açú, aí ele veio morar aí, daí que habitua [...] A condição financeira com a família, porque ele tinha um, naquela época ele já tinha 11 filhos aí era muita [...] a família era grande pra, pra manter, aí ele contava que lá era muito difícil à condição financeira, o peixe, a caça de lá ele passou a vim aqui pra cabeceira do Açú, aí foi que ele foi a casa aqui o [...] depois que os filhos começaram a, a arrumar mulher, aí ele, ele foi formando a comunidade, aí o Vicente que era os filhos dele mais velho casou e fez a primeira casa, fiz a casa dele aí depois passou, a outra arrumou marido fez outra casa, aí depois começaram a fazer uma igreja né pra [...] Pra rezar, só que ainda não tinha plano de fazer à comunidade né, a igreja pra rezar aí com tempo conseguiram fazer um barracão pra dona Rosa dá aula naquela época né.¹¹

As terras do Açú, ao longo do seu processo de ocupação, passaram pelas “mãos” de vários donos e empresas até o ano 2016, até quando ela passa a estar nesse conjunto de Comunidades Reconhecidas como Quilombolas com acompanhamento do INCRA que faz a demarcação dos territórios”. Sobre isso, Amélia (2016, p. 89) assim se posiciona:

Quero dizer que depois que encerrou esse período de atividade, recebi na minha casa vários moradores da vila de São Paulo do Açú, fui procurada por eles. Eles queriam que eu explicasse porque essa área deles tinha ficado de fora da medição do território. Viajei novamente pra Manaus. Dia 04 de dezembro foi que eu cheguei em Manaus, porque também eu tinha sido convidada pelo INCRA pra participar de uma reunião que ia tratar de “Agenda Itinerante” com o Presidente Nacional do INCRA. Recorrendo ao trabalho do INCRA, fui conversar com engenheiro responsável pelo nosso

¹⁰ Adma da Silva Maia, agricultora, 48 anos, filha de Benedito Antônio da Silva. Entrevista realizada em 2016.

¹¹ Perpétua Paixão da Silva, agricultora, 41 anos, filha de Benedito Antônio da Silva. Entrevista realizada na Agrovila São Paulo do Açú em julho de 2016.

trabalho, o Sr. Afonso Vieira. Conteí pra ele da preocupação do pessoal do Açú.

As práticas culturais e econômicas têm acompanhado famílias e comunidades no Andirá sendo bastante comum entre elas, a partir do momento em que essas famílias ajudam umas às outras se utilizando com frequência uma força de trabalho denominada “puxirum”. Estas reuniões de família para ajuda mútua contribuem para o crescimento comunitário como um todo.

Desde o momento em que eles migram de determinados lugares em busca de uma “melhora financeira”, nota-se que a coleta da castanha, do cumarú, a “tirada” de palha unem esses sujeitos em suas práticas e acabam acarretando em formação de pequenas comunidades. Se nos tempos do cativo, os escravos fugiam dos maus tratos, trabalhos forçados, das repreensões, no Andirá essas pessoas se deslocam de seus lugares de origem em busca de outros que lhes forneçam melhores condições de vida e a seus descendentes “As cabeceiras voltariam a ser nossas e teríamos o nosso peixe em abundância”.

No tempo da dona Rosa houve o padre que residia por Barreirinha né, não tô lembrado, se eu não me engano era o padre Carlos naquela época. E nos anos 70, quando nos se passamos pra lá ela já tinha, mas não tinha mais essa casa dela e nem a igreja, ela já tinha tirado, eles tinham passado lá pra cá, pra boca do Buiuçú com Araçatuba aí mesmo no Açú, né, e foi nos anos 80 já que com a visita do padre Gabriel né, apenas pra pegar uma madeira pra fazer um, um refeitório no Jawari, né ai em Barreirinha na boca do pucú, aí que ele passando por lá pra pegar essa madeira veio a ideia de ele reunir as famílias que tinham lá pra fundar a comunidade né, e aí com a ajuda do pessoal do Itucara, a diretoria aqui do Itucara foi lá pra dá apoio pra fundar a comunidade nos anos 81, foi fundada aí, o núcleo com o nome do padroeiro São Paulo né, aí que passaram, passou ser conhecido São Paulo do Açú, né [...]¹²

Assim, nas cabeceiras do Açú, nas estradas de castanha, na cabeceira Buiuçú, do Piquiá, do Murity, do Araçatuba foi fundada a atual Agrovila do São Paulo do Açú, que é formada por famílias oriundas de lugares estratégicos do Rio Andirá. Por conta de buscarem uma situação econômica mais promissora, buscam uma terra com titulação, para poder usufruir dos lugares de uso comum. Partindo assim para a identidade Étnico-racial heranças de um povo que vivenciou a escravidão e resistiu “onde há escravidão, há resistência” (REIS; GOMES, 1996, p. 1). Nesse mesmo sentido, Mattos (2005), nos lembra de que:

¹² Gláucio Paixão da Silva, agricultor, 56 anos, filho de Benedito Antônio da Silva. Entrevista realizada no Distrito de Santa Tereza do Matupiri, 2016.

Se não necessariamente descendente de antigos acampamentos de escravos fugidos, escondidos nas matas desde o tempo do Brasil monárquico, de onde afinal surgiram os novos quilombos? Como os mais críticos tendem a ressaltar, eles têm claramente uma origem recente nas demandas por garantia de direitos à posse coletiva de terras, apresentadas por colonos e posseiros negros tradicionais, a partir do apoio de novos aliados, entre os quais a pastoral da terra da Igreja Católica, os movimentos negros, a Associação Brasileira de Antropologia e alguns outros atores da sociedade civil brasileira pós-redemocratização que ocupam um papel essencial (MATTOS, 2005, p. 107).

A economia dos moradores do Igarapé tem sua base mantida pelos recursos naturais, com a região do Rio Andirá nesse início pouco desenvolvida, onde havia uma distância relevante entre cidade e interior nas questões educacionais e estruturais. As pessoas se veem neste contexto que os leva a prática do extrativismo, prática essa repassada de geração em geração, além de não haver opções de trabalho para os familiares tirarem seus sustentos. As práticas de trabalho em que essas pessoas se adaptam, é adotada em toda região do Rio Andirá na qual toda família participa, tanto os homens quanto as mulheres que protagonizam essa história da construção da Agrovila São Paulo do Açú desde idas as estradas de castanha para coleta, plantação de mandioca, a produção de farinha, a fabricação de cerâmicas aos puxiruns para limpeza da comunidade para construção da escola, campo de futebol, igreja.

Eu disse nessa ponta aqui porque todas as vezes que nós saia de lá que nós morávamos lá na cabeceira né, numa casa, um barracão que eles pro castanheiro que era muita gente que tirava a castanha naquela época era, posso falar quem já morreu, era o finado do Dunga, finado do Nurato, finado do João Bastos, Torrado e... João Maria que era meu padrinho e ai todos se ajudavam, já o Diogo da tia 'Filícia', se ajuntavam todos aqueles, então eles fizeram um barraco lá né, um barracão grande que tudo ali se amontoavam lá pra trabalhar ai eles iam pro mato agente ficava, quando era bunito agente ia com o papai eu e meus dois (2) irmãos. Nós ia com o finado do papai pro mato, nós saia seis (6) horas da manhã quando era seis (6) horas da tarde gente chegava de novo no barracão né, sempre, sempre assim. Ai foi, foi, foi até quando foi nessa época que nós 'esculhemo' essa ponta ai pra fazer a casa. Ai ele fez primeiro um barraco desde lado defronte, ai do Andrezinho, onde é agora a comunidade, ai nós tinha o primeiro barraco, nós moramos lá 'paresque' uns dois (2) anos, ele fez roça atrás, gente fazia muita farinha naquela época, eu era de saúde...¹³

Dentro do convívio familiar de trabalhos girando em torno da economia surgem as manifestações culturais e religiosas que acaba sendo trazida com essas famílias dos lugares de nascença refletindo nas crenças locais que desde seus inicio é pertencente à religião católica, nos seus inícios praticantes do catolicismo popular com a realização de festas aos santos de promessa, como São Sebastião que foi o nome da primeira escola,

¹³ Maria Tila da Silva Barbosa 70 anos, agricultora aposentada. Entrevista realizada na Agrovila São Paulo do Açú em janeiro de 2017.

além de outros santos que passam a serem comemorados até chega ao padroeiro da Agrovila que permanece até os dias atuais na qual é dado o nome da comunidade.

Bem, quando nós se mudemos pra cá é, a, o lado da comunidade assim em questão religiosa era assim bem fraca né. Então tinha esse senhor Raimundo Cardele com os filhos dele que se ainda moravam aqui. Eles tinham o São Sebastião que ele fazia assim uma festinha todo ano né, é mês de junho, sempre faziam mês de junho né, ai eu lembro que era assim tinha, só era uma noite né e um dia, ai tinha a novena, tinha jogo de futebol né de manhã no sábado, tinha um campinho ai. E vinha, eu lembro que vinha pessoal ai do Ramos, até que dava bem gente. À noite né fazia aquela reza, rezavam e de lá tinha a festa dançante. Tinha vezes que vinha aqueles senhores que sabiam rezar a ladainha né, eles rezavam eu lembro que rezavam, tinha parte que era, era português, tinha algumas partes que eu via eles falarem latim aquele que sabia né, não aprendi nada, papai também ele não...[...] As vezes o padre vinha, depois que ai foi né veio a família da dona Rosa Dias ela morava aqui na cabeceira, morava ali do outro lado, depois se mudaram pra cá no soares. Essa aqui Soares. [...] Ai depois ela deu a sugestão que como era devota da Nossa Senhora da Conceição, ela queria que festejasse a santa né, ai o pessoal concordaram ai... Agente ainda não morava mesmo aqui definitivo, gente vinha só... ai o filho dela, o Antônio Mario né ele fizeram uma capela uma igreja, depois de o fogo ter queimado essa uma ai que o presidente era curumim tacou fogo... Tacou fogo no capim, queimou a igreja do São Sebastião, era um... Um barracão né, um barracão desses pequenos só mesmo de palha, tudo coberto e cercado de palha. É ai veio a Nossa Senhora da Conceição né, fizeram a igreja, uma igreja maior, grande já eu lembro bem, tudo de barro né, coberto de palha cercado de barro. Ai agente... Fizeram à festa, ai veio o padre naquele tempo o padre que visitava as comunidades da paróquia de Barreirinha era o padre Vitorio eu lembro que ele ainda veio ai umas duas vezes.¹⁴

As famílias que migram para a região do Açú passam a partir do convívio partilham de crenças, hábitos que são introduzidos ao cotidiano delas, que passam a serem reproduzidos pelas memórias dos sujeitos pesquisados, e sintetizam o que podemos denomina de práticas socioculturais, não somente festas religiosas, mas também brincadeiras que passam a ser tradicionais até serem perdidas ao longo dos anos, como é o Boizinho denominado Garantido organizado pelo Benedito e por outras pessoas que acompanham essa construção da comunidade com seus falecimentos passando para seus filhos, netos assim sucessivamente. Podemos nota que por meio dessas brincadeiras essas famílias desenvolvem uma proximidade, que acaba se tornando resultado das reuniões para realização da pastorinha, da quadrilha, do boizinho, onde a comunidade participa como um todo, desenvolvendo o sentimento de parentesco que tende ao crescimento da comunidade pela união das famílias.

Brincadeiras tinha boi... Era... Garantido É... Não... era só o Garantido do papai... era o Garantido e e. e boi né e brincadeira eram... teve pastorinha

¹⁴ Vicente Paixão da Silva, professor 53 anos, filho de Benedito Antônio da Silva. Entrevista realizada na Agrovila São Paulo do Açú. Julho de 2016.

aqui, quadrilha sempre, sempre inventava aquelas brincadeiras né, quadrilha, pastorinha... tudo tive... no tempo, um tempo a mulher do velho Calabar botava pastorinha, dona Rosa... era muito animado, eu achava muito animado de primeiro... Eu acho que a diferença é grande, que agora nem, mas tem essas brincadeiras é... naquele tempo era muito animado, animado mesmo... brincava boi, até eu brinquei bem boi ai, ai nesse boi, eu o Marcinho, nós a velharada brincava né, olha naquele tempo nós estava novo, ninguém tava velho não... mas era muito animado... agora não, não tem, mas animação, mas já foi animada essa comunidade quando era mais pobre, era mais coisa, animado... depois dessa coisa veio a Socorro Dutra e depois foi o Coriolano que foi o prefeito mandou fazer aquela escola ali onde é, onde é.¹⁵

Por meio da Trajetória de Benedito Antônio da Silva analisada nas entrevistas de seus filhos podemos visita às praticas que acompanham as mudanças acontecidas ao logo dos anos na localidade, suas interferências e como elas se tornaram relevante para compreender o contexto da Agrovila como uma comunidade Quilombola nos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa, em suas particularidades, trata-se do processo de reconstrução da Agrovila São Paulo do Açú pelo véis da Trajetória de Benedito Antônio da Silva e da reconstrução de identidade no novo contexto a qual é inserida nos últimos dois anos como uma comunidade quilombola. Reclassificação que dentre outras coisas nasce das memórias coletivas, de protagonistas de uma história esquecida, de uma cultura perdida nas águas do Rio Andirá, que juntamente às trajetórias de vidas de outros sujeitos de diferentes lugares e origens, se veem a partir de determinados acontecimentos que se ligam e dão sentidos ao movimento quilombola. Os quais pelas práticas culturais, genealógicas e socioeconômicas contam história que as unem cada vez mais na defesa de seus direitos e proteção de suas terras, de seus lugares de uso comum, salvaguardando práticas culturais perdidas ao longo dos anos. Mas que passam a ser trazidas e avivadas na memória, a fim de não se perderem no tempo e no espaço.

Se há alguns anos, a atual Agrovila do São Paulo do Açú, se via como Comunidade Caboclo-Ribeirinha, atualmente, com o processo de reconhecimento como quilombola, surge à necessidade de reconstrução de identidade. No entanto, para isso ocorrer precisa-se conhecer e identificar quem são os sujeitos que protagonizaram e protagonizam na história de terminados lugares, neste caso específico, Benedito Antônio da Silva. Por meio da História oral mostramos a relevância do sujeito

¹⁵ Maria Aparecida da Silva Brito, agricultora e ceramista, 56 Anos, filha de Benedito Antônio da Silva. Entrevista realizada na Agrovila São Paulo do Açú. Janeiro de 2017.

pesquisado para entender a história local. Reconstituída por meio das entrevistas de seus filhos dentre outros entrevistados ampliamos o olhar para novos estudos futuramente relacionados a esta pesquisa com uma ampliação de trajetórias para pensar a História do Igarapé Açú e como os sujeitos mantem se ligados à identidade Quilombola no Rio Andirá.

Além de ter importância para Agrovila São Paulo do Açú por se trata do primeiro trabalho acerca da mesma e de seu memorial, e também como uma forma de manter viva a memória do falecido de um dos patriarcas da comunidade, Benedito Antônio da Silva para filhos, netos, tataranetos e toda essa geração que estão vindos, para que assim possa desfrutar do conhecimento de sua ancestralidade. Emanadas desde as estradas de castanha, das ‘tirações’ da palha, das ‘fazições’ da farinha, dos cultivos da malva, dos puxiruns, das festas e das brincadeiras. Sem deixa que se apague esses processos que trouxeram até os dias atuais por meio das três famílias que compõe o quadro da Agrovila, os Dias, os Barbosas e os Silva, que guardam ascendência dos “*pretinhos do Matupiri*”. Essa mesma descendência que inseriu a Agrovila São Paulo do Açú nas lutas quilombolas do Rio Andirá, resinificando a identidade local, os levando a um novo cenário com relação a sua ancestralidade, dando relevância as lutas étnico-raciais para a posse das terras e da identidade das comunidades quilombolas em particular a Agrovila São Paulo do Açú a qual se atem nossa pesquisa.

FONTES ORAIS

Adma da Silva Maia. Entrevista realizada em dezembro de 2016. Agrovila São Paulo do Açú, Rio Andirá, Barreirinha-AM.

Luiz Maria Dias Conceição. Entrevista realizada em dezembro de 2016. Agrovila São Paulo do Açú, Barreirinha-AM.

Maria Aparecida da Silva Brito. Entrevista realizada em Janeiro de 2017. Agrovila São Paulo do Açú, Rio Andirá, Barreirinha-AM.

Maria Tila da Silva Barbosa. Entrevista realizada em janeiro de 2017. Agrovila São Paulo do Açú, Rio Andirá, Barreirinha-AM.

Gláucio Paixão da Silva. Entrevista realizada em Dezembro de 2016. Distrito de Santa Tereza do Matupiri, Rio Andirá, Barreirinha-AM.

Perpetua Paixão da Silva. Entrevista realizada em dezembro de 2016. Agrovila São Paulo do Açú, Rio Andirá, Barreirinha-AM.

Raimunda da Silva Brito. Entrevista realizada em Julho de 2016. Agrovila São Paulo do Açú, Rio Andirá, Barreirinha- AM.

Vicente Paixão da Silva. Entrevista realizada em dezembro de 2016. Agrovila São Paulo do Açú, Rio Andirá, Barreirinha, AM.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V.; FERNANDES, T.M; FERREIRA, M.M (orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 2000.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Breno de. **Territórios e territorialidades específicas na Amazônia: entre a “proteção” e o “protecionismo”**. Caderno CRH, Salvador, v. 25, n. 64, Jan/Abr. 2012. p. 63-71.

AMÉLIA, Maria **Trilhas percorridas por uma militante quilombola: vida, luta e resistência!**. Rio de Janeiro : Casa 8, 2016.

BARROS, José D’ Assunção. **A História Social: seus significados e seus caminhos**. LPH- Revista de História da UFOP. nº 15, 2005.

CASTRO, Hebe. *História Social*. 1997. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da história: ensaios de teorias e metodologias**. Rio de Janeiro : Campus, 1997.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa**. Departamento de História, São Paulo, (10), dez. 1993.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1ª ed. São Paulo : Claro Enigma, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória, história oral e história - 11 provocações - memória história oral**. 2010. p. 13-56.

MATTOS, Hebe. *Cativeiro e Políticas de reparação no Brasil*. **Revista USP**, São Paulo, n.68, Dezembro/Fevereiro 2005-2006. p.104-11.

NEVES, Erivaldo Fagundos. **História e Região: Tópicos de História Regional e local**. Ponta de Lança, São Cristóvão. v.1, n.2, abr. Out. 2008.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**. A problemática dos lugares - Proj. História. São Paulo. Dez/1993.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.3. 1989. p. 3-15.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Proj. História. São Paulo. 14, Fev.1997.

RANCIARO, Maria Magela de Andrade. **Os cadeados não se abriam de primeira: processos de construção identitária e a configuração do território de comunidades quilombolas do Andará**. Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Tese em Antropologia Social. Manaus. 2016.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. **O Pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas**. TOPOI, V.5, 8, Jan. 2004, pp.170-198.

ROCHA, João Marinho da; FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. “*Nós temos agora outros valores*”: Ressemantização e emergência étnica quilombola do rio Andirá, Barreirinha-AM. In: **Epifanias da Amazônia**: Relação de poder, trabalho e prática social. 2ª ed. Manaus: Grafisa, 2017.

ROCHA, João Marinho da. “**Filhas do Andirá**”: ancestralidade, memória e cultura nos processos de ressignificação étnica no rio Andirá, quilombo Matupiri, Barreirinha –AM. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.